

**O ESCAFANDRO E A BORBOLETA:  
AS ESCRITAS DE SI  
DESVELANDO UM EU SUFOCADO PELA DOENÇA**

*Angelo Moreira Arruda* (UENF)

[angelo.usc@hotmail.com](mailto:angelo.usc@hotmail.com)

*Janete Araci do Espírito Santo* (UENF)

[janeteesanto@hotmail.com](mailto:janeteesanto@hotmail.com)

*Bianka Pires André* (UENF)

[biankapires@gmail.com](mailto:biankapires@gmail.com)

*Analice de Oliveira Martins* (UENF)

[analice.martins@terra.com.br](mailto:analice.martins@terra.com.br)

**RESUMO**

O presente artigo teve como objetivo realizar uma sucinta investigação acerca de como Jean-Dominique Bauby, em sua autobiografia intitulada de “*O Escafandro e a Borboleta*”, utilizou as escritas de si para fabricar uma marca de um eu que era capaz de transcender sua condição de doença. Para isso, com o objetivo de mostrar que a doença não é maior que o eu escrito na existência, será realizada uma ligação com alguns pensamentos de dois grandes e respeitados filósofos Heidegger e Jean-Paul Sartre. Para atingir tais objetivos, foi realizada uma pesquisa de periódicos que abordam a temática proposta, como também, foi utilizada a autobiografia de Bauby. Por fim, foi possível constatar que a existência humana é marcada por certas peculiaridades, as quais são imprescindíveis para uma justa compreensão do homem e que, por isso, mesmo não sendo tão facilmente percebidas, não podem ser desconsideradas, mas encaradas como um texto existencial riquíssimo e poético.

**Palavras-chave:** Escritas de si. Existencial. Doença.

**1. Introdução**

O homem sempre construiu diversas formas de se escrever no mundo, desde os mais primitivos desenhos deixados nas cavernas até as trilhas de pedras que serviam para marcar o caminho. O anseio por deixar um pedaço de si por onde passava sempre esteve presente na história humana. No entanto, mesmo diante de tantas marcas, a explicação dessas vidas sempre parece vaga e fria. Talvez seja porque a única coisa que é possível acessar são os rastros, os fragmentos, as lembranças, os pedaços de uma existência que parece ser muito mais do que tudo isso.

Jamais o homem conseguiu se entregar por inteiro. Por mais que pareça tudo muito bem esclarecido, sempre há algo que escapa das apre-

sentações do eu. Por vezes, pode até ser de forma voluntária, um fragmento é alterado por causar incômodo, vergonha ou por ser considerado desnecessário. Mas, em todos os casos, a existência de uma vida transcende as tentativas de apresentação do eu. Então, o que resta são apenas tentativas de se escrever, de deixar uma marca que simbolize pelo menos uma pequena parte de um eu grande demais para se apresentar nos palcos disponíveis ao entendimento humano.

Tendo em vista tais pontuações, este artigo pretende realizar uma sucinta investigação acerca da obra “*O Escafandro e a Borboleta*” de Jean-Dominique Bauby. Para isso, optou-se por realizar alguns apontamentos acerca dos pensamentos dos filósofos Heidegger e Sartre sobre a existência, com o intuito de estabelecer um paralelo com a experiência de construir uma marca existencial, descrita na autobiografia de Jean-Dominique Bauby.

## 2. *As escritas de si*

Para esclarecer as reflexões que se pretendem elencar no presente artigo, inicialmente, tentou-se realizar uma sucinta revisão bibliográfica dos trajetos que as escritas de si percorreram nas construções teóricas de alguns autores. Optou-se por iniciar discorrendo acerca de algumas pontuações que Benjamin relata sobre a narrativa:

[...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1987, p. 205)

Sendo assim, entende-se que para deixar um registro por meio de uma narrativa é necessário viajar para dentro de si, germinar a marca e trazê-la para o exterior. O versículo bíblico “A boca fala do que o coração está cheio” retrata que as marcas que o homem deixa em sua trajetória se referem a fragmentos do seu interior.

No entanto, não se deve esquecer de que as marcas deixadas pelo eu podem se dissimular, omitir certas partes. Tal aspecto é relatado por Artíeris (1998) em “Arquivar a própria vida” ao relatar que reunir escritos de alguém, seja por meio de diários ou outros, não significa capturar toda a vida deste, visto que:

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fa-

zemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando releemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão. (ARTIÉRIES, 1998, p. 11)

O que os outros enxergam da vida de alguém são apenas traços, rabiscos de um eu que quis se apresentar assim ou que não teve outros meios. Atualmente, tais marcas de si têm se proliferado exponencialmente. Praticamente, quem não se escreve de um jeito ou de outro é visto como portador de uma vida inexistente. Sobretudo, quando o que é dado gratuitamente, ou seja, o que é visível e independente de qualquer apresentação não é capaz de mostrar a existência de um eu que, embora aparentemente imóvel, continua a se escrever nas tramas da vida, como é o caso de Jean-Dominique Bauby, que será apresentado mais adiante. Nessas situações, as escritas de si se tornam ainda mais exigentes para continuar sendo valorizado como uma vida existente.

De acordo com Artières (1998) o ato de arquivar a própria vida obedece a uma exigência social de “manter nossas vidas bem organizadas, pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas. O anormal é o sem-papéis”. (p. 10-11)

Conforme o autor, as escritas de si passaram a ser exaltadas no final do século XVIII, visto que, a partir do início do século XIX, as narrativas autobiográficas se tornaram produtos valiosos para o mercado. Os escritos de alguém sobre sua vida, seus interesses, suas aventuras e desventuras viraram um tesouro que todos cobiçavam. Por isso, foi fabricado um comércio em torno de tais textos, que afetou os escritores da época e fez a medicina desenvolver e publicar suas experiências clínicas.

Além desses escritos, aos poucos, as certidões de nascimentos, os comprovantes de residências e, entre outros, os cartões de saúde foram assumindo um imenso valor, até chegar aos dias atuais, onde é exigida a apresentação desses papéis para fazer qualquer coisa.

[...] é o conjunto da vida diária que devemos arquivar: as cartas que recebemos, que enviamos, os contratos que assinamos, os documentos que comprovam um acontecimento pessoal. Tudo passa pelo escrito: a utilização do tempo passado e do tempo que ainda está por vir, o domicílio, o parentesco, a descendência. É preciso, portanto, classificar esses papéis, organizá-los em dossiês nos quais será mencionado o seu grau de importância, a sua origem, a sua função, a sua data de produção. Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para re-

cordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo para existir no cotidiano. (ARTIÉRIES, 1998, p. 13-14)

É interessante perceber o valor que as escritas foram assumindo: atestar uma identidade, uma existência. Artières (1998) discorre sobre como tal ênfase conferida aos escritos foram atravessando as escolas, a adolescência – por meio dos diários – até se tornarem uma prática comum em todos os ambientes. As autobiografias são marcas de tal tendência.

De acordo com Lejeune (2008, p. 49), a autobiografia é uma escrita “retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza especialmente sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Para ele, na narrativa autobiográfica o autor deve deixar claro sua relação de identidade com o narrador e o protagonista. Todavia, com o tempo, Lejeune (2008) percebe que tal identificação nem sempre é tão direta, visto que as narrativas autobiográficas podem ser encaradas como uma escrita ficcionalizante, mas que nem por isso deixam de possuir uma relação de identidade entre autor, narrador e protagonista. É o leitor, por meio do pacto autobiográfico que estabelece com o autor, que faz a ligação entre a narrativa e a vida de quem a escreveu. Isto é, mesmo se for um romance que assume todo seu caráter ficcionalizante, mas que o leitor consegue rastrear, como um cão farejador, a ligação com a vida do autor, tal narrativa pode ser caracterizada como autobiográfica.

Quando Lejeune (2008) levanta a discussão sobre a autobiografia e a ficção, surge uma série de pontuação muito relevante. Uma delas se refere à dificuldade de afirmar que a narrativa autobiográfica é puramente uma escrita da verdade, uma vez que toda escrita é atravessada por uma série de nuances que tornam a verdade um pouco obscura. Isto é, “o relato autobiográfico não representa o sujeito, mas o produz. Daí a natureza de autoinvenção do relato autobiográfico”. (CARVALHO, 2003, p. 299)

Segundo Lejeune (2008), a autobiografia tem certo receio de assumir sua construção fictícia. Todavia, ao se debruçar numa escrita de si, o homem se depara com o dilema de transpor uma vivência íntima em palavras que buscam expressá-la. Tal tarefa não é fácil.

Conforme Schittine (2004), as escritas de si podem ser entendidas como expressão de uma intimidade sob medida, ou seja, é uma intimidade de que entrou nos moldes das palavras para se tornar visível. Isto é, com

o objetivo de ser algo comunicável, o íntimo precisa ir além do vivido e se dobrar ao domínio das palavras.

Em relação a tal construção de si por meio da escrita, Teixeira (2003), em seu artigo intitulado “Escrita autobiográfica e construção subjetiva”, relata que a autobiografia é construída para tentar revelar a singularidade de uma vida, isto é, aquilo que a difere das demais.

É nesse espaço de posicionamento do sujeito frente a si mesmo que a questão autobiográfica se institui como tentativa de dar conta de sua existência, de sua constituição no que se tornar. É uma escrita que tem como objeto o *si próprio*, a análise, isto é, a autoanálise da história de uma vida, a vida do próprio sujeito narrada por ele próprio. Assim, a autobiografia situa-se a partir do espaço de singularidade em que o homem passou a se constituir, sendo, portanto, produto da civilização ocidental, passando a marcar um dos modos pelo qual ele pode dar conta de sua história, no contexto mais amplo da História como memória da humanidade. A reconstituição da unidade de uma vida ao longo do seu tempo passa a ser um meio privilegiado de dar testemunho da existência. (TEIXEIRA, p. 05-06)

Dar testemunho da existência, provar que uma vida se escreveu no mundo é a pulsão que rege as marcas que são deixadas pelo caminho. Ao citar o texto “L'écriture de Soi” (1983, p. 415-430), de Foucault, Teixeira (2003) diz que a história das escritas de si que veio da cultura greco-romana e que pontuavam “a escrita já concebida como *exercício do eu*, contextualizando as anotações monásticas como *escritas do eu* que vão desembocar, após um longo percurso, na noção de indivíduo, característica dos tempos modernos”. (p. 04)

Seguindo tal percurso, Teixeira (2003) relata que:

As *hypomnemata* e as correspondências já indicam uma “parada” sobre si próprias, mesmo sem a marca da reflexão a partir do uso da memória e das situações cotidianas. É um *olhar sobre si* que já começa a se delinear, não com o objetivo de uma “descrição de si”, mas com o de “... de reunir o já dito, de agrupar o que foi ouvido e lido, e tudo isto com o objetivo que nada mais é do que a constituição de si. (p. 04)

As *hypomnemata* eram livros de anotações, onde se registravam memórias e consistiam em uma forma de organizar o próprio eu. No entanto, não possuíam o caráter confessional dos diários. Conforme Foucault (1983), citado por Teixeira (2003), a “*hypomnemata* constituía uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas - um tesouro acumulado para ser relido e para meditação posterior”. (p. 04)

Em seguida, com o advento do Iluminismo, houve uma ênfase enorme na razão humana e, dessa forma, surgiu a noção de indivíduo

portador de uma interioridade e com o poder de conhecer e julgar todas as coisas. Aos poucos, o homem foi assumindo com mais veemência sua interioridade, seu espaço privado, até chegar aos dias atuais.

A relação do homem com a vida privada se constitui, então, como fundamental, apontando para certa desnaturalização da experiência humana, já que mesmo que se defina como produto do meio, algo denuncia sua diferença, algo que lhe é privado, que lhe diz respeito, que tem sua marca. Talvez esse algo não seja reconhecível, mas seus efeitos emergem como mal-estar, sendo que é esse estado de insatisfação consigo próprio que o mobiliza rumo a formas opcionais de lidar com o peso desta angústia. (TEIXEIRA, 2003. p. 05)

Sendo assim, nota-se que as escritas de si ganharam destaque após tal ênfase construída em torno da interioridade do homem, e que tais narrativas possuem uma longa história, repleta de embates sociais e culturais que produziram o espaço destinado a organizar, refletir, aliviar as tensões, selecionar escolhas, ou seja, deixar rastros de um eu que não consegue existir por si só. Nesse sentido, nota-se que a autobiografia de Jean-Dominique Bauby é uma construção que merece ser analisada por tal viés.

### **3. A autobiografia “O Escafandro e a Borboleta” e a escrita de si do autor**

O livro “*O Escafandro e a Borboleta*” é comovente e digno de ser um clássico do movimento interno de superação. Seu início é marcado por um sentimento mórbido. Contudo, a sensação desaparece no desfecho do livro, pois o protagonista demonstra uma força interna extraordinária, quando opta por viver com o único instrumento que lhe restou: a mente.

Tal obra trata-se da autobiografia de Jean-Dominique Bauby, que era editor-chefe da revista *Elle*, carismático e inteligente. Aos 43 anos, Bauby teve um derrame e ficou completamente paralisado, com exceção da pálpebra esquerda e sua consciência, que permaneceram intactas. Essa síndrome é conhecida como Síndrome de Loched in. Para expressar tal situação, Faria e Rocha fazem o seguinte apontamento:

Imagine-se estar na seguinte situação: em uma cama de hospital, paralisado dos pés a cabeça. O único movimento possível de ser realizado é com a pálpebra do olho esquerdo. Você ouve e entende tudo à sua volta, no entanto, é tratado como se não estivesse ali, simplesmente porque você não consegue se comunicar verbalmente. Afinal, quem se importa em prestar atenção no seu olhar? Ninguém se preocupa em lhe dar informações ou pedir sua opinião, você se tornou apenas um corpo presente. Agora, imagine alguém que verdadei-

ramente vivenciou tal experiência. Pois bem, essa é a história de Jean-Dominique Bauby [...]. (FARIA & ROCHA, 2012, p. 116)

Ao perceber que Bauby estava consciente, uma fonoaudióloga, pensando numa forma para ele se comunicar, elaborou uma tabela com as letras mais utilizadas e ia recitando-as. Quando chegava à letra desejada, Bauby piscava e, assim, formava as palavras. Foi assim que ele escreveu esse livro – *O Escafandro e a Borboleta* –, e relatou como seu eu continuava a escrever nas linhas da existência, embora aparentemente aprisionado em seu próprio corpo.

Supõe-se que a motivação que impulsionou tal escrita pode ser entendida como um anseio de marcar, registrar, deixar algum rastro. De acordo com os estudos de Thies e Peres, a escrita é capaz de ressignificar a vida:

[...] no caso da escrita: as pessoas são guiadas por intenções como colocar em ordem, administrar, registrar, estabelecer comunicação ou a tomada de identidade. Muitas vezes a escrita procura satisfazer necessidades individuais, dando sentido a essas práticas. Por isso é que podemos escrever desde uma lista de supermercado até sobre nossa vida privada ou íntima; cada produção é impulsionada por sentidos diferentes. (THIES & PERES, 2009, p. 218)

Portanto, ninguém constrói uma narrativa somente por construir. Sempre existe uma intenção, mesmo que latente, que impulsiona as escritas. No caso de tal autobiografia parece que a narrativa foi motivada por um desejo de mostrar que seu eu existencial transcendia a essência, isto é, era maior que aquilo que se entregava gratuitamente e revelava um eu aparentemente silenciado por uma doença. Para compreender melhor tal processo, optou-se por associar a escrita de si que compõe a autobiografia de Jean-Dominique Bauby com algumas considerações de Heidegger e Sartre sobre as tramas cunhadas pela existência humana.

#### **4. Algumas contribuições de Heidegger e Sartre**

Segundo Dartgues (2005), para Heidegger, um filósofo alemão, a existência antecede a essência, pois para o fenômeno se apresentar ele precisa primeiramente *existir*.

A preocupação de Heidegger girava em torno desse ser que está no mundo e não do que é dado simplesmente pela sua aparência. Ele usava o termo Dasein (Da = aí, sein = ser) para explicitar que o homem é para si mesmo uma icônica. Não se trata de fechar o ser em um local longe do mundo, pois, como diz o próprio termo, “o homem é o aí (Da) on-

de o Ser (sein) se coloca como questão, de modo que se trata no homem muito mais do que o homem” (DARTGUES, 2005, p. 113.). Todo ser está “af”, e é a partir desse “af”, dessa “facticidade” que o ser se põe em questão.

Outro exemplo de como o homem se posiciona diante de si mesmo é descrito na investigação de Thies e Peres, a qual relata como um agricultor utilizou a escrita de um diário para se organizar, fazer-se existir por meio da escrita, ou seja, colocar-se em questão no “af” que ele estava circunscrito. Conforme relatam Thies e Peres:

Trabalhar com as escritas desse agricultor revela outros espaços e outras instâncias, desvelando alguns “mitos” da zona rural. Problematicar o tema da escrita numa perspectiva social e cultural não é tarefa fácil, pois envolve valores, crenças, sentimentos e usos dessa prática cultural. Nesta pesquisa, evidenciou-se que a escrita é tratada pelo agricultor como um bem simbólico, um valor, ou, como diz Lejeune (1997), uma forma de guardar as memórias de uma vida. (THIES & PERES, 2009, p. 228)

Sendo assim, cultivar memórias da vida pode ser entendido como uma tentativa de revelar a particularidade de uma existência, isto é, o homem que está-no-mundo se encontra imerso em um tempo e em um contexto espacial determinado, o qual é diferente dos demais (DARTGUES, 2005). O portador de uma síndrome que está-no-mundo no Brasil é diferente do portador da mesma síndrome que está-no-mundo no Japão. Aliás, não é necessário ir tão longe, as distinções estão presentes até quando a distância está apenas no limite de um quarto de hospital para outro.

A história contada no livro *O Escafandro e a Borboleta* trata de um homem que subitamente foi acometido pela síndrome de Loched in. Seria injusto enfatizar a síndrome e esquecer o homem que é portador dela. Esse homem está no mundo antes de possuir qualquer síndrome.

E é por meio da narrativa autobiográfica que Bauby mostra para o mundo que sua existência transcendia a sua condição física. Através da escrita autobiográfica é estabelecido um vínculo com o leito que, conforme Lejeune, é mais forte que o vínculo estabelecido com a ficção:

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. (LEJEUNE, 2008, p. 73)

É por meio da escrita que Bauby se posicionou diante de si e do outro, a quem ele reclama os olhares em torno do aí em que se encontra-



va. E esse homem que está-no-mundo, também está em um tempo específico, ou seja, está num “aí” específico. Esse tempo ou aí refere-se aos seus sonhos, projetos, desejos e também à sua condição de está-no-mundo enquanto pai, filho, esposo, empresário, etc. Com isso, dá para perceber mais claramente porque Heidegger (2005) insistiu tanto em dizer que o fenômeno não é dado pela sua essência, pois antes dele se mostrar ele *existe* em um determinado tempo.

De acordo com a pesquisa de Stecanela e Kuiava sobre a escrita de si de jovens em conflito com a lei:

A temporalidade é um modo de ser que coloca o ser humano na dimensão do tempo. Isso quer dizer que o sentido do tempo presente nas escritas de si se torna possível de verificar na temporalidade, que é marca constitutiva de todo ser humano independentemente de sua condição existencial e de sua participação. [...] Como movimento da temporalidade, o passado os encobre, o presente os torna efêmeros, mas o futuro abre-se como horizonte de possibilidades. (STECANELA & KUIAVA, 2012, p. 190)

Tal abertura para as possibilidades revela que as escritas de si são multifacetadas, ou seja, o autor cria vários eus nas suas narrativas. Conforme Carvalho, o narrador não se entrega em seus escritos, visto que:

As experiências, ao serem contadas, transpõem a vida para o registro da narrativa, transformam-se em textos e passam a ser reguladas pelas regras de gênero e convenções que regem esse domínio. Dessa forma, por exemplo, o narrador do autorrelato não coincide completamente com o personagem que protagoniza a ação, a começar por não compartilhar com este as condições de espaço e tempo. Com isto, destaca-se a disjunção entre o sujeito que narra (narrador) e o foco narrativo, mesmo que na autobiografia se trate de um foco em primeira pessoa, do tipo *eu-protagonista*. (CARVALHO, 2003, p. 298)

Portanto, o que é capturado nas narrativas autobiográficas são formas se posicionar frente à vida e não descrições maciças dos acontecimentos. Isso é explícito no seguinte relato de Bauby (2008, p. 11): “[...] a cada dia eu abordava um pouco mais a periferia da consciência, mas não imaginava que relação poderia existir entre mim e uma cadeira de rodas”.

Infelizmente, muitos profissionais que atuam em hospitais ainda não conseguiram perceber que por trás da doença existe uma pessoa. E, tal pessoa não é simplesmente um doente, mas um indivíduo portador de uma existência que, mesmo estando colocada no espaço da doença, exce-de essa condição.

Conforme Faria e Rocha,

[...] percebe-se a necessidade de que aqueles que lidam com pessoas que possuem limitações em se comunicar, apresentem atitudes que possam tornar essa vivência não só menos dolorosa, mas que proporcionem condições que favoreçam o seu crescimento pessoal. (FARIA & ROCHA, 2012, p. 116)

Para produzir um vestígio capaz de revelar que sua existência transcendia sua condição de doença, Bauby construiu uma narrativa. De acordo com as investigações de Aquino sobre a escrita como modo de vida, a narrativa pode ser entendida como uma expressão da existência: “escrever confunde-se inteiramente com o trabalho incansável de viver em sua exuberância possível: superfícies de contato; intensidades passageiras; potência de existir, mais uma vez”. (AQUINO, 2011, p. 653)

Portanto, foi por meio da escrita que Bauby chamou a atenção dos outros para sua existência. Certamente, muitas pessoas não conseguiriam entender a causa que levava aquele homem a não conseguir estabelecer uma conexão direta entre ele e uma cadeira de rodas. Ora, o lugar dele certamente é na cadeira de rodas. Todavia, o olhar observador não consegue enxergar que existe um aí onde o ser se posiciona, e esse aí não pode ser desconsiderado.

Para Aquino,

O ato de escrever passa, então, a se definir como encorajamento para o deslocamento, sem destinação de véspera, das vidas ali de passagem; vidas decerto, comprimidas por quatro paredes seculares, mas igualmente sequiosas pela intensificação das forças nômades que as obrigam a se deslocarem rumo à eterna novidade que lhes é requisito; vidas levadas a cabo em meio ao fogo cruzado de ideias e de corpos turbulentos, intemperantes, errantes; vidas como obras abertas, enfim. (AQUINO, 2011, p. 653)

Ou seja, escrever é produzir vidas escritas que estão diante de um aí que é circunscrito pela condição temporal do homem. Não é um aí só do presente, mas é um aí que tem um passado e um futuro. Para compreender o ser é necessário analisar a “teia” que circunscreve sua existência. Em tal “teia” estão entrelaçados: passado, presente e futuro. O passado aparece como um “já-aí”, isto é, uma história que marcou para sempre o ser e que, portanto, jamais poderá ser apagada. Dependendo das circunstâncias, alguns consideram o presente como a melhor ou a pior coisa do mundo. Não há problema em se pensar assim, uma vez que o perigo se encontra quando se pensa que o presente é eterno, ou seja, que nunca vai passar. Tal perspectiva pode ser frustradora, pois, como dizia Jean-Paul Charles Sartre, filósofo e escritor francês, representante do existencialismo, o homem é o que não é e não é o que é. Isso se deve ao fato de que, segundo Sartre, o homem é um *projeto interminável* e, por estar sempre

como projeto a se realizar, nunca é alguma coisa e sempre é aquilo que ele ainda não é. Isto é, o presente não existe (DARTGUES, 2005).

Stecanela e Kuiava já afirmam que:

[...] a abertura é uma das marcas constitutivas do ser mundano. Isso permite o eu ir ao encontro do outro e projetar-se para o futuro. Tal processo se faz como disposição. O modo de ser da disposição ocorre como projeção. É nesse caminho que cada indivíduo se descobre como ente temporal capaz de encontrar um sentido para a sua vida futura. (STECANELA & KUIAVA, 2012, p. 190)

Passado, presente e futuro se misturam para constituir o ser. Portanto, o ser não é nenhum dos três, uma vez que ele é perpassado pelas três dimensões. Diante disso, nota-se que o ser está sempre aberto para infinitas possibilidades, sendo que umas delas pode ser o apego ao passado, ao presente ou ao futuro. (DARTGUES, 2005)

Seguindo essa perspectiva, percebe-se que na sociedade ocidental a situação de um portador de qualquer atenção especial – como é descrito no livro *o Escafandro e a Borboleta* – geralmente é muito desafiadora, uma vez que “ser de possibilidade”, preconizado por Sartre, não pode projetar-se para o futuro sem antes levar em consideração as estruturas sociais e históricas que circunscreve sua existência.

Realmente, um indivíduo portador de alguma necessidade especial não é o que é, visto que ele sempre está pensando ou, de alguma forma, buscando está-no-mundo de uma maneira diferente da atual. Esse “pensando ou buscando” é marcado pelas circunstâncias ambientais presentes em sua existência.

Como é possível pensar em possibilidades se, aparentemente, o contexto social não oferece outras opções? Certamente, esse foi um dos questionamentos mais angustiantes na vida daquele homem descrito no livro *O Escafandro e a Borboleta*. Afinal, a noção de que uma boa parte da sociedade tem de alguém que está numa situação semelhante àquela é de que não se pode fazer mais nada, pois a vida desse está fadada a uma condição lamentável.

Alguns poderiam considerar correto que aquele homem pensasse em morrer, pois, sua condição era lastimável. Contudo, existem inúmeras pessoas que não se encontram na mesma situação daquele homem e, mesmo assim, querem morrer.

Foi por isso que Sartre enfatizava que o importante não é a situa-

ção, mas as significações que o indivíduo pode realizar a partir dela. É na situação que a liberdade se constitui. Segundo Sartre, não existe liberdade sem situação e nem situação sem liberdade. Portanto, diante de qualquer adversidade, o homem sempre irá se deparar com uma dicotomia paradoxal: possibilidades X limites. (DARTGUES, 2005)

De acordo com os estudos de Schneider sobre o método autobiográfico em Sartre:

Sartre foi certamente influenciado pela historiografia contemporânea francesa, assim como pelo historicismo marxista. A concepção de homem que subjaz à teoria sartriana é, portanto, histórica e dialética, na qual, o sujeito só pode ser compreendido levando-se em conta sua história individual, tanto quanto a de sua conjuntura familiar ou rede sociológica, bem como de seu contexto social e sua época cultural, tendo como fundo de sustentação, a noção que *ele se faz e é feito* no/por esse conjunto de fatores. (SCHNEIDER, 2008, p. 291)

Tal perspectiva é explicitada no livro *O Escafandro e a Borboleta*. Primeiramente, foi numa determinada situação que aquele homem escolhe livremente conferir um sentido mórbido para sua condição. Logo depois, é esse mesmo homem nessa mesma situação que confere uma nova possibilidade para sua condição e se decide em escrever um livro contando sua história. Para compreender como tal movimento flui é necessário levar em consideração uma gama de fatores implícitos na situação.

Os fenômenos humanos são irreduzíveis ao conhecimento; eles devem ser experimentados, vividos. Isto quer dizer que não basta conhecer a realidade humana, é preciso produzi-la, vivê-la, modificá-la. Sartre aplicará esse postulado ao estabelecer a sua antropologia. Para compreender um homem é preciso ir além daquilo que ele fala ou reflete sobre si, é preciso descrever suas ações, sua práxis cotidiana, o contexto no qual está inserido. Portanto, não podemos nos limitar ao discurso ou à linguagem. É preciso destacar a especificidade da existência humana, ao tomar o homem concreto na sua realidade objetiva, material, social, sociológica. (SCHNEIDER, 2008, p. 292)

Sendo assim, é a partir desse espaço concreto que o homem experimenta sua liberdade. De acordo com Sartre, a liberdade é a condenação de todo homem, pois é impossível fugir dela. Não existe nenhuma determinação para a existência do homem, visto que, para Sartre, o homem é lançado nesse mundo gratuitamente, sem ter um *por que* nem um *para que*.

Dessa forma, o homem, que não é determinado por nenhuma essência e nem por nada, é livre para fazer suas escolhas. Ele é tão livre que pode até escolher em não escolher. Portanto, a existência só poderá ser compreendida se esse processo de indeterminação for analisado. Por

essa razão, Sartre enfatizava que o homem é muito mais aquilo que ele não é do que aquilo que ele é, visto que o homem é um eterno projeto que nunca está pronto e que, por isso, sempre se lança para o indeterminado. (DARTGUES, 2005)

Segundo Sartre, a realidade humana não se caracteriza pelo ser, mas pelo vir a ser ou *devenir*. Por isso, para compreender a existência humana é necessário um olhar mais atento para *o que não é* do que para *o que é*.

É exatamente tal indeterminação que supostamente está por trás das escritas de si, tais como a autobiografia de Bauby. Ao escrever, o homem se constrói, cria um espaço para ser, para se organizar, para se juntar e, dessa forma, poder se apresentar nos palcos da existência. Como discorrido anteriormente, ninguém fabrica uma escrita ao acaso. Sempre há uma intenção. Então, supõe-se que se o homem se satisfizesse em existir por si mesmo, certamente não se importaria em criar estratégias para deixar pedaços de si no seu caminho. E isso é explicitado pela autobiografia de Bauby, pois se ele estivesse plenamente satisfeito em existir sem ninguém ficar sabendo, não iria fabricar uma escrita de si.

## 5. *Considerações finais*

Diante de tudo que foi discutido, nota-se que o homem escreve para se inventar e se reinventar. As narrativas de si podem ser concebidas como tentativas de desvelar a existência para o outro.

De acordo com essa sucinta análise do caso descrito no livro *O Escafandro e a Borboleta*, que foi realizada a partir de algumas ideias de Heidegger e de Sartre, é possível constatar que a existência humana é marcada por certas peculiaridades, as quais são imprescindíveis para uma justa compreensão do homem e que, por isso mesmo, não sendo tão facilmente percebidas, não podem ser desconsideradas, mas encaradas como um texto existencial riquíssimo e poético.

Acredita-se que as discussões elencadas pelo presente artigo apontam para a relevância de refletir acerca das estratégias que o eu cria para se apresentar. Além disso, ao analisar a autobiografia de Jean-Dominique Bauby intitulada *O Escafandro e a Borboleta* foi possível perceber como as escritas de si são úteis não só para criar marcas de um eu, mas também são excelentes estratégias para revelar que o eu não se prende às circunstâncias.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. A escrita como modo de vida: conexões e desdobramentos educacionais. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, vol. 37, n. 3, dez. 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151797022011000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022011000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 01-08-2014.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista de Estudos Históricos*, vol. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BAUBY, Jean-Dominique. *O escafandro e a borboleta*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horiz. Antropol.*, Porto Alegre, vol. 9, n. 19, jul.2003. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832003000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832003000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03-08-2014.

DARTIGUES, A. *O que é fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2005.

FARIA, Amanda Morais de; ROCHA, Andréia Moreira. O escafandro e a borboleta: um olhar sob o enfoque da ACP. *Rev. NUFEN*, São Paulo, vol. 4, n. 1, jun.2012. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217525912012000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912012000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 14-08-2014.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para a psicologia. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 2, ago.2008. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812008000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812008000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07-08-2014.

STECANELA, Nilda; KUIAVA, Evaldo Antonio. As escritas de si na

privação da liberdade: jovens em conflito com a lei arquivando a própria vida. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 49, abr. 2014. Disponível em:

<[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782012000100010&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782012000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06-08-2014.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. 2014. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. *Psicol. USP*, São Paulo, vol. 14, n. 1, 2003. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010365642003000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642003000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 06-08-2014.

THIES, Vania Grim; PERES, Eliane. Quando a escrita ressignifica a vida: diários de um agricultor: uma prática de escrita "masculina". *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 41, ago. 2009. Disponível em:

<[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782009000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782009000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06-08-2014.